

Maria Otília

Alberto Lacet

Com exceção dos dois, a praça está deserta àquela hora, começo de noite. Pela segunda vez assim se encontram (será a última), a sós, no mesmo lugar e hora e sob um mesmo – por que indistinto, manto de escuridão. Entre as duas noites, porém, correu uma sucessão de outras, que, com seus dias, serão testemunhos da probabilidade franciscana desse segundo encontro. Marcado, como da outra vez, próximo a um dos armazéns da área.

Nos começos de noite, costuma esse armazém manter acesa uma lanterna Colleman, a gás, cujo facho de luz sai impetuoso para a rua, mas após travar uma luta curta e desigual com a treva vinda de metade da terra, queda-se vencido, confuso, a poucos passos da calçada que há no outro lado: a calçada da praça - de cuja existência parece duvidar.

Será esse um fenômeno perfeitamente observável durante o primeiro par de horas da noite, ou pouco menos disso, de toda forma um transcurso de tempo mais do que suficiente para que alguém lá dentro resolva apagar a lanterna. Isto devido à impossibilidade de ali permanecer sem que sufoque embaixo do turbilhão de mariposas e besouros, que, com o passar das horas, se deixa atrair pelo clarão.

Avistam-se a uma distancia prudente do facho (em frente ao prédio da esquina onde em breve um cinema funcionará), pois não pretendem ser vistos, ou ficar próximos à confusa sinergia dos besouros. Uma orgia alada e suicida que por enquanto já atrai os primeiros sapos, alguns enormes.

Como da outra vez, o cumprimento deles é em monossílabos. Há desajeito no dar de mãos, como convém a adolescentes, mas está claro que a experiência anterior serviu de qualquer modo para alguma coisa, pois desta vez Marcantônio, dois anos mais velho que ela, já não é o mesmo, não mais parece

tolhido naquela irresolução paralisante, típica, justamente consagradora da idade que tem, e que marcou o encontro anterior.

Conduzindo-a pela mão, imergem outra vez no indiviso, repete a manobra do primeiro encontro, que fora improvisada. Vamos por aqui Ele diz, conhece cada palmo do lugar por onde se movimenta, afinal aquela praça o viu crescer, brincar, correr, esconder-se dos outros, por outros procurar entre arbustos, roseirais, tufos de erva-santa, touceiras de bromélias, embaixo dos bancos. Não à toa consegue andar com certa rapidez em direção ao centro dela, na mente tem o quadrado da praça e seu círculo central, óctuplo, marcando a convergência dos oito respectivos canteiros que se afunilam como setas, vindas das extremidades,

é questão de seguir o canteiro mais próximo. É isso que faz, pé raspando borda, mão estendida para trás, sem largar a outra quem vem a suas costas, estendida para frente. Esta outra é a de quem sente o braço esticar-se e o segue com passos atropelados, querendo estancar em seguida, como quem vai sendo arrastada. Mas não é isso, é que desenvoltura aí não é coisa que lhe caia bem. Maria Otilia sabe disso.

Vai devagar Ele ouve o sussurro atrás de si, percebe daí a pouco, a massa escura da construção circular bem na sua frente, não vê arestas nem janelas, claro, apenas a silhueta algo maior que um elefante de respeito, a parte superior se denunciando pelo corte inequívoco no céu aparatado de estrelas. Quase gelatinoso com tantas.

Estão no centro da praça. Trata-se de agora girar para a direita, circundar o elefante escuro e alcançar o lado oeste, que não favorece a ocorrência de passantes Vamos Repetiu Suba aqui Ele disse. Maria Otilia sabe para onde está indo, oferece então pequeno gesto de resistência, e pára

Espera aí Diz baixinho, encompridando a última sílaba numa reprimenda afetuosa, fracamente enérgica e mais para súplica, enquanto tateia com a ponta do pé, busca uma saliência, mas nem sinal dela, desiste, junta as pernas em seguida e inclina o corpo para frente tentando divisar a linha do meio-fio do canteiro antes de transpô-lo, como se houvesse possibilidade de ver. Mechas de cabelos lhe caem

então sobre os olhos e com uma mão ela tenta afastá-las, como se a impedissem de ver Espera aí Diz, extremamente feminina, secretamente decidida, Maria Otília está sorrindo na escuridão, extasiada com essas aflições.

Passam por fim entre os girassóis que marginam o canteiro (numa ausente, cabisbaixa languidez de sentinelas vencidas pelo sono) e podem assim, postando-se dentro dele como uma forma segura de se porem a salvo de sustos ou esbarrões com quem quer que transite pelas alamedas escuras, dá início ao lento e cauteloso movimento de aproximação mútua, como se para isso tivessem todo tempo do mundo, o que é erro pensar: apenas sentem ter chegado a um lugar novo e ainda mais incerto, de zoneamento difícil, por que para isso seja preciso tatear aqui e ali, procurar a acomodação dos corpos de um modo que nunca será, provavelmente, o mais proveitoso, afinal são tantos, mas é sempre promissor, valendo a pena procurar, buscar um encaixe melhor, é preciso jeito, e isso nem sempre se tem.

Apesar da santa escuridão, essa máscara, Marcantônio conserva estranha sensação de que, de um ponto qualquer, um olho catador de vexames espreita sua imperícia, daí recusar o atropelo, gesto qualquer brusco, nem um falar mais alto que este sussurro que nada diz, se, Deus meu, nem sabe o que dizer, mas antes o que não se pode dizer, não se confessar nesse medo de quem percebe ter algo aqui dentro batendo forte e descompassado como atleta em ponto de bala, esperando o disparo que o lançará em corrida desenfreada, numa infeliz comparação que poria tudo a perder para eles,

mais para ele, claro, que dificilmente teria como correr, enquanto movimentava-se ela com aquela imprecisão sábia e instintiva de mulher, que já na sua idade e nas circunstâncias sabe não ter muito a fazer além do receber, envolver, arrematar e equilibrar as coisas, devolver o que pode e deve ser devolvido, deixar-se tocar e reconhecer por dentro a nota emitida, vibrar, suspirar com ela, ou então, não era assim, nem aí, e nem tanto ou tão pouco,

mas também não falar ainda, apenas negar-se a excessos, afobações, esquivar-se numa espécie de contra-dança, usar velho e infalível código, que

exclusivo dela não é, mas de todas que um dia o usaram ou usarão como princípio imutável de contenção e sabedoria, esse tal que, desgraçadamente, tanto aborrece e enfada, às vezes por incompreensível (às vezes por sinal de pouca querência, ou uso displicente de alguma presença insinuante, disponível em certa hora e lugar: situação capaz de gerar na mente de homens a idéia de um tipo de desperdício intolerável), quando apenas guarda a regra imemorial do decoro segundo a qual as coisas se colocam no seu devido tempo, numa cronologia que tem de instintiva o quanto de ritual pré-estabelecido, porem com seus rigores atenuados, que é como deve ser esse Eclesiastes em versão mundana e alcoviteira,

mas sempre de alguma forma permitindo que se desça, passo a passo, às regiões íntimas do desejo, manual que será mais tarde, e por tantas, posto a circular repetidas vezes, assim o venham a querer fingimento e astúcia, em reedições barateadas de dramalhões tardios, pessimamente encenados e de final previsível, não sendo esse, certamente, o caso de Maria Otília, que apenas deixa entrever uma vocação precoce, porem decidida para namoros arrebatados, e de cujo caráter e triunfantes certezas o futuro nada nos acrescentará aqui.

Não ultrapassara ainda os catorze anos de idade, embora fosse evidente que suas formas andavam em rápida ebulição, isso pela razão notória e simples de que um segredo se revelara insuportável para alguns vestidos, aqueles que sua mãe, diligente, esteve sempre tratando de reformar ou simplesmente substituir, ao passo que, por baixo deles uma operosa biologia não parava de emanar seus últimos retoques, surgidos sempre na forma de acréscimos e num decidido, diga-se melhor, excelente pendor para moldes sinuosos, valendo-se para isso de uma orientação de sentidos que não recusa nenhum deles, desde que parta de dentro para fora, e é claro, não se detenha em retas desnecessárias.

Persuadidos pelo frio crescente, protegem-se os braços enfiando alguns para dentro da blusa e camisa do outro, enlaçando-se com os restantes, já que a timidez inicial se fora, para alívio dos dois, livres agora, em parte, daquelas terríveis agruras de noviciado, daqueles inevitáveis embaraços que costumam se abater sobre rostos castigados pela acne. Pelo que, podem os dois agora exercer uma

imprevisível cumplicidade, meio que exasperada até, podem, sobretudo, ver as variantes possíveis do ato de beijar, com aquela permuta de línguas, obrigatória, segundo ouviram de amigos e amigas com alguma experiência.

Sentir como se demoram na umidade crescente, o caldo que se forma, imediatamente absorvido. Sentir e consentir as diferenças, prováveis e comprováveis a cada vez que suas bocas e lábios se emplastram. Algo como a leitura que um molde faz da cópia, detectando variações de espessura e alargamento, de flexibilidade, o elástico diferente de cada língua, uma que estica mais e é logo sugada. Mas não fala, se não sabe de serventia que venham a ter palavras em momento assim, porque se no caso a têm, nunca que disto lhes falaram amigos e amigas mais experimentados.

Mas entre eles já se ouve um ruminar, mistura de gracejo, volição, soando em cacofonia com o vento que dá seus primeiros rasgos no ar, melhor se diga, em sintonia com ele, embalando-se nele, numa liberdade saboreada em embriaguez libertina, afinal merecida, compartilhada, mais para ser cantada, coisa assim dessa natureza, para ser cantada, embalada num bulício de vento que já incomoda, mas tido aí como diapasão com o qual se afinará o novo instrumento que usado não foi ainda para finalidades mais difíceis, mas se pretende, de sorte que ficariam assim, beijando-se e beijando-se, furtados à visão do mundo e nessa curiosidade ao mesmo tempo impetuosa e pueril a respeito do que se passa no interior de uma roupa alheia e em pleno uso *não fosse a carga estupenda que transformou a matéria escura num polvilho invisível, disparado para longe, e lançou-se, por onde se já tinha lançado, num único e incessante jorro através dos dois e entre si consignados pares de olhos (imantados e assim conseguidos ao espanto pela imediata conexão que se deu), como se fossem, já, uma extensão natural e mais avançada daquele círculo feérico, a parte externa e ambulante e apenas opcionalmente usuária, estabelecida, porem, desde a origem e formação do sistema até a repletura e retorno final pelo mesmo dispositivo de retina, cristalino e nervo ótico, pelo qual se lançou, e se já tinha lançado, para varrer de vez do fundo de cada mente aquilo que, respectivamente tinha acabado de tecer: as imaginárias, toscas e facilmente moldáveis formas de sensualidade, que, por força de inércia, resistiriam ainda o prodígio de um instante.*